



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de Investigación

2023

Ana Flávia Cicero Conde & Paulo José da Costa

Análise dos casos-limite: implicações da presença da compulsão à repetição

Revista Affectio Societatis, Vol. 20, N.º 38, enero-junio de 2023

Art. # 2 (pp. 1-21)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN



ANÁLISE DOS CASOS-LIMITE: IMPLICAÇÕES DA PRESENÇA DA COMPULSÃO À REPETIÇÃO¹

Ana Flávia Cicero Conde²
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
anaflaviaconde@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0002-3802-947X>

Paulo José da Costa³
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
pjcosta@uem.br
<https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v20n38a02>

Resumo

Este artigo é resultado de um recorte de uma pesquisa realizada a nível de doutorado. O objetivo é compreender as implicações da presença da com-

pulsão à repetição na análise dos casos-limite para discutir sobre as possibilidades de transposição das dificuldades trazidas por ela. Para tanto

-
- 1 Este artigo é um recorte da pesquisa “O mecanismo da compulsão à repetição nas patologias narcísicas: uma proposta de compreensão a partir da perspectiva teórica de André Green” que está sendo produzida desde o ano de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, no nível de doutorado.
 - 2 Discente do Programa de Pós-graduação em Psicologia na linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização” no nível de doutorado, Universidade Estadual de Maringá. Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional pela Faculdade Cidade Verde. Mestre em Psicologia pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, no qual produziu uma dissertação a respeito da compulsão à repetição, fazendo uma articulação com o mito grego de Sísifo a partir da teoria psicanalítica.
 - 3 Professor voluntário no Programa de Pós-graduação em Psicologia na linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Desenvolvimento Humano da Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

realizamos uma pesquisa teórica na obra de André Green a respeito dos casos-limite e evidenciamos que apesar de a compulsão à repetição trazer grandes empecilhos para a análise, impelindo para a sua estagnação e colocando em dúvida a capacidade

do analista de vincular e representar, não corrobora para uma inacessibilidade terapêutica.

Palavras-chave: casos-limite; compulsão à repetição; análise; psicanálise.

ANÁLISIS DE LOS CASOS LÍMITE: IMPLICACIONES DE LA PRESENCIA DE LA COMPULSIÓN A LA REPETICIÓN

Resumen

Este artículo es el resultado de una parte de una investigación realizada a nivel de doctorado. El objetivo es comprender las implicaciones de la presencia de la compulsión a la repetición en el análisis de los casos límite con el fin de discutir acerca de las posibilidades de superación de las dificultades que esta conlleva. Para ello, realizamos una investigación teórica sobre la obra de André Green sobre los casos lí-

mite y evidenciamos que, aunque la compulsión a la repetición conlleva grandes dificultades para el análisis, lo cual favorece su estancamiento y pone en duda la capacidad del analista de vincular y representar, esto no corrobora una inaccesibilidad terapéutica.

Palabras clave: casos límite; compulsión a la repetición; análisis; psicoanálisis.

ANALYSIS OF BORDERLINE CASES: IMPLICATIONS OF THE PRESENCE OF THE COMPULSION TO REPEAT

Abstract

This paper is the result of a part of doctorate research. The aim is to understand the implications of the compulsion to repeat in the analysis of borderline cases to discuss the possibilities of overcoming the difficulties it entails. To that end, theo-

retical research was carried out on André Green's works on borderline cases. It showed that although the compulsion to repeat implies significant difficulties for analysis — which favors stagnation and casts doubts on the analyst's skills to bind together

and represent —, it does not corroborate therapeutic inaccessibility.

Keywords: borderline cases, compulsion to repeat, analysis, psychoanalysis

ANALYSE DES CAS LIMITES : IMPLICATIONS DE LA PRÉSENCE DE LA COMPULSION DE RÉPÉTITION

Résumé

Cet article est le résultat d'une partie d'une recherche de doctorat. L'objectif est de comprendre les implications de la présence de la compulsion de répétition dans l'analyse des cas limites, afin de discuter des possibilités de surmonter les difficultés qu'elle entraîne. Pour ce faire, nous avons mené une recherche théorique sur le travail d'André Green concer-

nant les cas limites. S'il est vrai que la compulsion de répétition entraîne de grandes difficultés pour l'analyse, ce qui favorise sa stagnation et met en doute la capacité de l'analyste à relier et à représenter, cela ne corrobore pas une inaccessibilité thérapeutique.

Mots clés : cas limites, compulsion de répétition, analyse, psychanalyse

Recibido: 17/01/2023 • Aprobado: 14/02/2023

Introdução

O presente artigo é resultado de um recorte da pesquisa de doutorado intitulada *O mecanismo da compulsão à repetição nas patologias narcísicas: uma proposta de compreensão a partir da perspectiva teórica de André Green*, na qual propusemos que a partir das teorizações de André Green podemos considerar que as patologias narcísicas fazem parte dos casos-limite e que a compulsão à repetição ganha neles um cenário propício para realizar-se.

Os casos-limite têm em comum se estabelecerem nos limites da analisabilidade, apresentarem insuficiente estrutura e organização psíquica quando comparados à neurose e a psicose, assim como conflitos nos limites internos e externos do psiquismo, em especial entre o Ego e o ID e entre o Ego e o objeto. Esses casos também possuem como algumas de suas problemáticas centrais os conflitos com o objeto primário e os distúrbios na constituição do Ego, levando a implicações para o narcisismo e a presença marcada da destrutividade. Nesse sentido, clivagens radicais e paralisia das fronteiras do Ego demarcam esses casos e levam a comprometimentos no controle do fluxo das excitações psíquicas e na função de simbolização. Em vista disso, a pulsão de morte, junto da destrutividade, do desligamento e dos desinvestimentos, ganha espaço, atingindo a capacidade psíquica de representar e de pensar, assim como as relações afetivas e o investimento no Ego (Green, 2017/1982).

É devido a essas características que o mecanismo psíquico da compulsão à repetição encontra nesses casos um cenário propício para sua ocorrência, uma vez que, segundo Freud (2010/1920) ela envolve a repetição que vai para além da reedição da satisfação e do princípio do prazer. E, segundo Green (2000a), ela traz de volta, de forma insistente, excitações excessivas que se encontram ligadas apenas precariamente, devido a um conflito entre o funcionamento pulsional e a relação com o objeto, atrelado a alguma situação traumática que não ganha qualquer solução aceitável.

Então, de acordo com Green (2007), a compulsão à repetição é uma saída do psiquismo que viabiliza a descarga, eliminando a tensão, em detrimento da elaboração que oportuniza a representação do objeto

e das excitações. Urribarri (2010, p. 24) explica que, ao se repetir compulsivamente, a inclusão da relação com o objeto é renunciada e, com isso, o indivíduo também “renuncia a conservar a marca da experiência psíquica que poderia oferecer um objeto ao pensamento, uma saída pela via da representação e da objetualização”. Uma ferida fica aberta e ela pode ser reaberta por qualquer tipo de investimento que produza uma integração dela com o processo representativo (Urribarri, 2010).

Nesse sentido, para Green (2007), a compulsão à repetição opera uma descarga, na qual é descarregado também o sentido do conteúdo repetido, fazendo com que o paciente não reconheça as conexões entre os fragmentos repetidos. Assim, afirma que ele pode “repetir de diferentes modos, mas sem nenhuma consciência de que se está repetindo um mesmo conteúdo similar” (Green, 2007, p. 134), principalmente, porque a compulsão à repetição não se expressa apenas por meio da ação; ela é encontrada, na verdade, no material que é repetido ao invés da ação realizada. Portanto, existem inúmeros meios de ela se expressar e a falta de reconhecimento das diferentes formas com que se apresenta faz com que continue.

Diante disso, nesse artigo buscamos compreender, por meio de uma pesquisa teórica na obra greeneriana, quais são as implicações que a presença da compulsão à repetição traz para a análise dos casos-limite para, então, discutir sobre as possibilidades de transposição das possíveis dificuldades.

Resultados

Segundo Candi (2010), a obra greeneriana introduz a noção de paciente-limite como sendo aqueles que exibem intolerância ao dispositivo clínico convencional, requerendo uma elasticidade técnica que permita que o processo analítico não fique imobilizado. Nesse sentido, Green (2011/2002) entende que no exercício psicanalítico contemporâneo a ideia que o analista tem da marcha processual do tratamento desempenha a função de guia para avaliar as relações terapêuticas, de maneira que as indicações de psicanálise não podem se apoiar apenas

em termos nosográficos, que buscam analisar se o indivíduo é neurótico ou não neurótico, qual é a força ou debilidade de seu Ego e qual é o tipo de fixação apresentada, se é genital ou pré-genital, por exemplo, pois entende que esses são critérios muito macroscópicos. O analista deve, na verdade, se indagar a respeito da estrutura não neurótica que o paciente apresenta e sobre quais são as possibilidades do paciente utilizar o enquadre, o que pode ser verificado ao averiguar, principalmente, a relação do paciente com os objetos, sua atitude em relação à realidade, sua capacidade de suportar a atitude de afastamento e espera do analista, assim como as interpretações da resistência e da transferência, bem como se ele consegue tolerar as separações ocasionadas pela duração limitada das sessões e manter uma frequência suficiente às sessões que permita o desenvolvimento do trabalho.

De acordo com Green (2011/2002), nas estruturas não neuróticas as manifestações transferenciais são infiltradas de destrutividade, principalmente de caráter masoquista, de forma que o paciente não reconhece ou identifica a natureza transferencial daquilo que apresenta durante o tratamento. É como se o paciente apresentasse uma defesa contra o reconhecimento da transferência, podendo isso estar relacionado à compulsão à repetição, visto que, segundo Green (2000a), ela indica um fracasso no processo de objetualização, pois por trás da imagem de funcionamento pulsional auto-organizado e quase automático, a compulsão à repetição apresentaria uma demanda de retorno a um processo de objetualização bloqueado e a instalação de um diálogo de surdos, no qual “

o paciente se queixa de que sua demanda segue sendo intangivelmente letra morta, mesmo e principalmente quando o analista a ouviu e o avisa. Mas se o analista permanece surdo para alguma coisa, é à necessidade do paciente que não tenha sido ouvida em nenhum caso, a fim de preservar o processo de repetição como o único modo aceitável de investitura, pois salvaguarda e perpetua sua causa, às vezes mais valiosa do que a sua vida (Green, 2000a, p. 113).

Então, há dificuldade em estabelecer a transferência, porque ela seria o reconhecimento de que o paciente foi ouvido pelo objeto da transferência. Seria uma confirmação de que a demanda trazida foi recebida.

Segundo Green (2000a), ocorre na compulsão à repetição uma intra-associação, que se refere à formação de laços intraestruturais tão fortes, reforçados narcisicamente e consolidados por sucessivas repetições, que não permitem as inter-associações ou laços interestruturais. Dessa forma, podemos pensar que a compulsão à repetição opera num fechamento sobre si mesmo, realizando um voltar para experiências originárias que foram vividas e se encontram em estado de ligação precária, não podendo se transformar em processos secundários, serem simbolizadas e serem transferidas. Então, se repete compulsivamente e se busca evacuar por meio do ato. Green (2000a, pp. 118-119, tradução nossa) diz que, na compulsão à repetição, o sujeito volta, “a encontrar-se em terreno familiar e, ao mesmo tempo, se encontra. Mas esta identidade não lhe serve de nada, pois o separa dos outros, quer dizer, do objeto, sem permitir que ele tire proveito dessa solidão”.

Green (2000a) chega a afirmar que a meta final da compulsão à repetição seria a destruição do objeto primário, materno, que se encontra confundido com o sujeito. Apesar dessa meta nunca ser alcançada, para o autor, os desdobramentos dela para a análise envolvem causar no analista desespero, desamparo e desânimo, numa intenção de devolução ao remetente. Assim, o indivíduo tenta fazer com que o objeto, que na análise será o da transferência, sofra o que ele ainda criança teve que sofrer num outro tempo. Busca-se realizar, portanto, uma inversão de papéis, que traz dificuldades para análise.

Coadunando-se a isso, Green (2011/2002) discorre acerca da contratransferência, que corresponde a uma reação do analista à transferência, no sentido de que o discurso do analisando provoca ressonâncias e rejeições àquilo que foi pouco ou mal analisado no analista. Green (2011/2002) faz contribuições à noção de contratransferência que nos ajudam a pensar como ela se dá nos casos-limite, ao passo que olha para ela a partir do par pulsão-objeto e das contribuições winnicottianas a respeito da experiência de satisfação. Green (2011/2002) lembra que a experiência de satisfação envolve a antecipação do desejo e a possibilidade de haver ou não a satisfação efetivamente, o que indica que, por vezes, ou, na maioria das vezes, não haverá a satisfação, ou essa satisfação não será harmônica, ou estará totalmente de

acordo com o desejo da criança, como ilustra a ideia winnicottiana da mãe suficientemente boa. Desse modo, o autor resgata que a criança pode ter que se ver com decepções e assimetrias e reagir a elas colocando uma distância, que viabiliza a atividade psíquica fantasmática e a criação dos objetos transicionais. Porém, também pode ser deparar com situações que levam a reações de “transbordamento, pânico e impotência, mobilizando defesas cada vez mais desesperadas para enfrentar a situação traumática” (Green, 2011/2002, p. 90), em especial aquelas reações que podem promover desorganização e desintegração do Ego, que já se encontra desamparado e sem recursos.

Nessas situações o autor supracitado entende que são deixadas marcas ou cicatrizes que são despertadas e descobertas na contra-transferência, até mesmo porque a situação analítica pode reavivar o trauma e abrir as feridas que pareciam fechadas, fazendo com que o analista precise modificar o enquadre clássico para conseguir estar com um paciente que não responde bem à regressão e ao convite da situação analítica de abandonar os mecanismos de defesa, assim como apresentam perturbações em suas funções de representação, de fantasiar e de pensar, insensibilizando-a em relação à interpretação.

No que se refere ao impacto da compulsão à repetição na contra-transferência, Green (2000a, p. 161, tradução nossa) entende que, quando ela se mostra mais atrelada à pulsão de morte, coloca o analista em uma perigosa posição contratransferencial que pode produzir os riscos de “ficar atolado durante as sessões, sob os efeitos estagnados da reprodução sem fim e da análise sucumbir ao tédio”. Mas, para o autor, essa situação pode ser revertida se a repetição atingir certa densidade semântica e um potencial de descondensação e redistribuição, o que possibilita que o investimento feito no objeto transferencial se torne analisável. Portanto, mesmo nessas condições há um investimento no objeto transferencial. Entretanto, o objeto se encontrava imóvel e inscrito fora do tempo, dificultando que seja visualizado na análise.

Apesar da transferência já demonstrar dificuldades e a contra-transferência ser assídua, a análise dos casos-limite também se depara com a posição fóbica central, com as condições particulares do Ego nesses casos, com a lógica do desespero e com as dificuldades relacio-

nadas ao enquadre, que junto da presença da compulsão à repetição colocam a realização da análise a prova.

Green (2014) afirma que a posição fóbica central diz de uma disposição psíquica de base nos casos-limite que faz com que o discurso associativo possa funcionar negativamente durante a sessão, de modo a impedir a geração de sentido. Por conta disso é inviabilizado o estabelecimento de vínculos diretos entre as representações e entre elas e o inconsciente, mutilando o processo de pensamento. A razão para isso é que, caso esses vínculos forem estabelecidos, poderiam reativar núcleos traumáticos, produzindo angústias catastróficas que são insuportáveis para o indivíduo.

Diante disso, Green (2014) ressalta que a posição fóbica central faz com que o desenvolvimento de certos conteúdos na consciência e sua revivescência completa sejam impedidas, porque correspondem a temas que determinam a história do indivíduo e que no processo associativo poderiam se amplificar na ligação entre variados temas e afetar o funcionamento psíquico. Evita-se a associação entre temas por conta de que ela pode promover relações de reforço mútuo entre eventos traumáticos. Ou seja, não se está evitando que o trauma mais relevante retorne, mas que variados traumas se encontrem por meio de condensações.

O impedimento no desenvolvimento desses conteúdos se dá, portanto, porque apesar de não corresponderem, necessariamente, ao principal núcleo traumático do indivíduo, correspondem a organizadores ou pilares fundamentais da vida psíquica, que o paciente conseguiu manter separados antes da análise, seja negando suas relações, seja recalçando ou clivando as diferentes representações traumáticas. Reuni-los produziria um novo trauma, pois o indivíduo ficaria incapaz de pôr em ação suas soluções defensivas isoladas.

Além disso, o funcionamento psíquico dos casos-limite é regido, de forma geral, por uma lógica do desespero, que foi abordada em Green (2017/1979) e definida como aquela em que o objeto se encontra em primeiro plano, mas a união com o objeto é vivenciada como impossível, porque o sujeito não consegue se sentir amado pelo obje-

to, nem pode amar o objeto. Desse modo, predomina o conflito entre amor e ódio, sendo uma lógica que tem como objetivo gerar provas de que o objeto é realmente mau, hostil, incompreensível, o que faz, por exemplo, ao solicitar a rejeição por parte dos outros, para provar que eles não inspiram amor e que o amor deles não é verdadeiro quando é oferecido, não passando de uma fachada superficial, por trás da qual se encontra ódio.

Apesar do enquadre ser um dos representantes dos limites intersubjetivos e intrapsíquicos e ser necessário para que se possa conduzir a análise e compreender o modo de funcionamento do paciente na relação intersubjetiva que se desenvolve entre analista e analisando, Green (2017/1974) reitera que o enquadre clássico, composto pela regra fundamental, pela escuta flutuante e pelos estabelecimentos acerca do número de sessões, regularidade dos horários, duração fixa das sessões, modalidades de pagamento, posição do analista e do analisando e limitação da comunicação à verbalização não pode facilmente desempenhar sua função com os pacientes-limite, pois esses pacientes não assimilam os elementos da situação analítica que compõe o enquadre enquanto um ambiente facilitador da análise.

Green (2017/1974) visualiza impasses no aproveitamento dos benefícios regressivos do enquadre e das interpretações do analista. O fato de o duplo limite não ter se constituído de forma satisfatória nos casos-limite (Green, 2017/1982), corrobora para que esses pacientes apresentem dificuldades em suportar as restrições do enquadre analítico clássico, uma vez que, segundo Garcia (2016, p. 58), ele

facilita a indistinção entre o interno e o externo o que exacerba o caráter traumático do objeto que ameaça de fora e de dentro, provocando projeções delirantes e angústias de aniquilação que passam a dominar o cenário clínico. Instala-se um círculo infernal onde a intensidade das projeções torna cada vez mais difícil suportar a realidade externa que, equacionada à realidade interna, torna-se objeto de ataques e intensa raiva. Nestas situações, a possibilidade de simbolização metaforisante que o enquadre representa é destruída, e atuações dessimbolizantes tornam-se dominantes, constituindo-se, aparentemente, no único recurso a que o paciente tem acesso para lidar com as situações de crise,

diferentemente dos pacientes neuróticos que se valem da dramatização simbólica. Esses tsunamis de sofrimento incontido, fora do alcance da representação, nos remetem ao contexto das relações arcaicas, mais especificamente, ao fracasso do objeto primário na consecução de suas funções (...)

Por conta desse excesso presente nos casos-limite, que permeia a análise desses casos, as formas de expressão e comunicação clínica assumem um formato de descarga de excessos pulsionais. Ao invés de um cenário que favoreça a verbalização e a elaboração, vemos se constituir o quadro perfeito para a ocorrência da compulsão à repetição, que pode, portanto, tomar a análise, fazendo dela seu território. No lugar do modelo do sonho, pautado na primeira tópica freudiana e no funcionamento neurótico, é o modelo do ato, que condiz com a segunda tópica e o funcionamento não-neurótico, que toma conta. As descargas ou evacuações diretas por meio do ato geram curto-circuitos na representação e a compulsão à repetição ganha espaço. Como diz Green (2000a), a pulsão se torna mais forte que o desejo de comunicar por meio de representações de palavra e a pulsão segue a pulsar num ritmo vital de vida ou de morte, repetindo.

Conforme Green (2017/1983), a análise dos casos-limite corresponde a uma *corpo-análise*, ao invés de uma *psicoanálise*, indicando que não haveria a possibilidade de uma psicanálise clássica como a que se estava acostumado com os neuróticos, pois as pulsões continuam a ser descarregadas por meio do ato ou do soma, visto que não foram liberadas de sua ancoragem corporal. Assim, prepondera um estado das pulsões que permaneceram em estado selvagem, com afetos intensos, sublimações que apenas conseguem ocorrer ao preço de clivagens e pensamento não simbolizado, não podendo ser comunicado por meio da verbalização, resultado de um universo representativo empobrecido. Consoante a isso, segundo Green (2011/2002), quando o analista se vê diante da compulsão à repetição, vê também subvertido o perfil geral da cura analítica, uma vez que precisa enfrentar não apenas o desejo inconsciente, mas além dele a própria pulsão, que opera com força constante, podendo subverter o desejo e o pensamento.

Na medida em que o paciente-limite questiona os limites estabelecidos pelo enquadre, coloca também em xeque o fazer do analista, no sentido dos elementos do enquadre que ele busca por para funcionar para poder focar nos conflitos inconscientes do paciente, uma vez que, para Green (2017/1974), o ideal seria que se pudesse estabelecer um enquadre silencioso. Na situação ideal, se constitui um enquadre do qual podemos nos esquecer no decorrer do trabalho de análise, que fica quase ausente; mas isso é bem diferente do que se encontra comumente nas análises dos casos-limite, nas quais a presença do enquadre é sentida, porque algo o contraria. Nessas situações, o enquadre se torna a problemática da análise e desafia o analista, segundo Candi (2010, p. 114), principalmente por atingir seu narcisismo e demandar um trabalho de elaboração contratransferencial constante, visto que a cada sessão o analista se vê diante da necessidade de “reencontrar a possibilidade da sua própria ação”.

Discussão

Apesar das dificuldades que identificamos para a realização da análise dos casos-limite, na obra greeneriana podemos encontrar formas de transpor essas dificuldades, possibilitando uma análise bem-sucedida, dentro dos limites da estrutura psíquica em questão. Vemos no alcance da ligação intersubjetiva, na relação com o objeto por meio da transferência, na promoção da ligação por meio do alcance da representação, no enquadre analítico e nos processos terciários, perspectivas para a busca de soluções quanto às dificuldades impostas pela compulsão à repetição e pelos demais entraves que a análise desses pacientes costuma apresentar.

A resolução da compulsão à repetição é relacionada, conforme Green (2000a), à passagem da ligação intrapsíquica para a ligação intersubjetiva, que seja objetualizante e rompa com a repetição. Essa nova forma de ligação faz com que a compulsão à repetição deixe de ser narcísica e possa levar a resultados mais produtivos, por conta da inserção da relação com o objeto, que na análise será o transferencial. Apesar do risco de ao investir o objeto renovar o trauma que deu origem à compulsão à

repetição, temos uma via de solução que é elucubrada por Green (2000a) na sua proposta de considerarmos sempre o par pulsão/objeto, algo que o autor entende que faltava na obra freudiana, que se esquecia do objeto.

Desse modo, segundo Urribarri (2010, p. 25), ao analista cabe se propor “ao analisante como objeto que está aberto e acolhe o aleatório, o imprevisível, da experiência, inclusive o risco de fracassar”. De acordo com Green (2000a), o analista precisa deixar ser destruído e buscar não resistir a isso dentro do possível, ao mesmo tempo em que continua a pensar e interpretar. Assim se faz a transformação de uma operação destrutiva, pois ela se converte em útil, na medida em que permite que a energia mortífera e desobjetalizante, seja vinculada e relacionada à libido sádica que é dirigida ao objeto, alcançando uma ligação intersubjetiva e a objetualização da relação transferencial por meio do deslocamento ou transferência da ligação intrapsíquica, que é descarregada.

Para Green (2000a, p. 167, tradução nossa) a compulsão à repetição não cessa até que tenha “podido repetir-se – e reproduzir-se – até se faltar, quer dizer, até que o sujeito tenha cumprido seu desejo de destruição, sem sucumbir aos castigos propiciados por sua culpabilidade inconsciente, que o empurra para desviar essa destrutividade sobre si mesmo”. Diante disso, notamos que Green (2000a) propõe a passagem de uma ligação intrapsíquica fixada e consolidada pelas repetições a outra ligação, desconhecida, aleatória e suscetível de romper o círculo do eterno retorno. Corre-se o risco de reviver o trauma, mas, na verdade, é preciso repetir uma e outra vez o trauma com objetos distintos para conseguir se livrar do atoleiro da compulsão à repetição.

É como se um fio deixasse de se ligar com os demais que compõe o nó da compulsão à repetição, para formar uma ligação nova com um fio livre, procedente de outro lugar e atribuível à relação com o analista. De modo que primeiro a mudança ocorre no interior do enquadre e depois pode ser transportada para fora, para a vida nas suas mais diversas situações e relações de objeto. É a partir disso que se torna possível a recuperação do jogo da representação, que inclusive retorna ampliado, enriquecido e diversificado, pois adquiriu vida e tornou-se vivo (Green, 2000a).

Assim, entendemos que é pela interação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo que é possível se livrar das amarras da compulsão à repetição. Além disso, compreendemos que a pulsão de morte ocupa um lugar de relevância no sucesso da análise desses casos, porque a descarga e a destrutividade desempenham função de veículo para a ligação e a vinculação.

A interação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo se dá na análise via transferência, segundo Green (2000b, 2011/2002), uma transferência que o autor compreende ser dupla, composta pela transferência sobre a palavra e pela transferência sobre o objeto. A primeira é resultante “. . . da conversão de todos os acontecimentos psíquicos em discurso” (Green, 2011/2002, p. 81, tradução nossa), apresentando, por conta disso, uma dimensão intrapsíquica, visto que possibilita que elementos psíquicos que não pertenciam ao âmbito da linguagem sejam elaborados como elementos discursivos. E a segunda traz a dimensão intersubjetiva, pois carrega em si aspectos que o discurso não suporta, como as pulsões, os desejos, as angústias, os temores, os terrores e os fantasmas, que a própria transferência pode ativar ou reativar e serão projetados no analista durante a sessão. Essa dimensão intersubjetiva se entrelaça com a intrapsíquica comportada pela transferência sobre a palavra. Assim, são aspectos da transferência que, mesmo podendo oscilar em relação à sua predominância em diferentes momentos da análise, são indissociáveis.

Diante disso, pensamos que a análise da compulsão à repetição nos pacientes-limite parece ser possível, em grande parte, pela possibilidade de se instaurar a transferência sobre o objeto, mesmo que essa não seja a transferência nos moldes clássicos e talvez até seja difícil de ser reconhecida a princípio. A transferência e os investimentos que ela mobiliza vão produzindo mudanças e podemos pensar que vão compensando a pobreza no campo das palavras, da elaboração e do sentido.

Green (2017/1974, p. 79) afirma que “a técnica da análise das neuroses é dedutiva, a dos estados-limite indutiva, daí seu caráter aleatório”. Isso se coaduna com a colocação feita por Green (2017/1979, p. 310), de que “o analista, em vez de deixar se desenrolar o filme ou o

fio associativo, pontuará o discurso através de intervenções – que não são todas interpretações –, ligará os farrapos do discurso”. Mas, a situação é mais complicada que isso, pois o Ego do paciente-limite não possui suficiente revestimento mental, segundo Green (2017/1979), no sentido de estar permeado por clivagens, que atuam entre cada fragmento associativo, não permitindo qualquer tipo de relação entre eles, ou seja, o paciente não consegue associar.

Assim, Green (2017/1979) entende que o analista faz ligações durante a análise que tem como objetivo religar os elementos desligados do paciente para que possa, em certo momento, interpretar realmente. Mas, para que isso seja possível, é necessário que ele seja um trabalho na superfície, inicialmente, que atue no raso das associações, para poder constituir um pré-consciente e, apenas posteriormente, poder utilizar as ligações que se formaram para religá-las com o inconsciente que se encontra clivado, viabilizando a simbolização. Com isso, Green (2017/1979) sustenta que o trabalho do analista ocorre no campo transicional, descrito por Winnicott (1988/1951). Mas, entendemos que, para que o analisando possa fazer uso desse campo transicional, ele precisa ter a capacidade de sonhar, brincar e de fantasiar, o que falta aos casos-limite e precisa ser recriado ou criado por meio da análise. Tanto que o objetivo da análise dos pacientes-limites é, para Candi (2020), a construção de uma área psíquica intermediária, que seja organizada pelos processos primários, que são encontrados nos sonhos, pois são essas formações intermediárias que faltam ser desenvolvidas nesses pacientes e por isso produzem um funcionamento psíquico pouco discriminativo entre afeto e representação, que levam ao transbordamento pulsional e a confusões entre realidade interna e externa, criando o cenário que entendemos que favorece a ocorrência da compulsão a repetição.

A associação analítica pode colaborar com a análise desses casos na medida em que ela pressupõe um trabalho em conjunto, que envolve o analista e o analisando. O interessante dessa terminologia, de acordo com Green (2011/2002), é que ao mesmo tempo em que faz alusão à associação também evoca seu contrário, ou seja, a dissociação, trazendo a noção de um funcionamento dialógico. Nesse sentido, ao pensarmos na ocorrência da compulsão à repetição, o ato

e a ação trazem a realidade psíquica para a cena, quer dizer, aquilo que ainda não pode ser nomeado e ser trazido para a análise por meio da palavra, num movimento de repetir para não sentir e para não lembrar, que faz com que o que é repetido retorne para a situação analítica, para o enquadre, sob a mesma ou outra aparência, sem ser reconhecida. Mas, ao estar ali, entendemos que pode ter a chance de ser simbolizada e elaborada pelo analista para o paciente, fazendo jus a essa associação analítica, quer dizer, a esse trabalho em conjunto.

Por meio da constância e da contenção produzidas pelo enquadre, o analista pode transformar conteúdos informados pelo paciente por meio da ligação e retê-los sob uma forma que faz sentido, ou seja, se torna viável o trabalho de elaboração, pois, segundo Green (1974/2017a), a partir do enquadre o trabalho de elaboração e simbolização do analista se torna possível mesmo nas situações limites. O autor compreende que nessas situações, apesar de o enquadre fazer sentir sua presença, principalmente do lado do analista – por conta de o próprio enquadre e o método se mostrarem ameaçados e sofrerem ataques –, o analista preserva a situação analítica via seus esforços de manter o enquadre estável e realiza, ao mesmo tempo, a imaginação do mundo interno do paciente e a compreensão de seus movimentos pulsionais para que eles se tornem comunicáveis para a consciência do analisando. Isso garante que seus movimentos pulsionais e conteúdos possam ser transformados em palavras para serem comunicados ao paciente no momento pertinente.

Em vista disso, notamos que é o analista quem assume o trabalho de elaboração e simbolização na perspectiva greeneriana quando o analisando-limite não é ainda capaz. De acordo com Green (2017/1974, p. 99), ele “só consegue chegar a uma forma de estruturação mínima, insuficientemente ligada para fazer sentido”. São elementos como mudanças de horários, reposições, férias do analista e pagamentos que demarcam os limites do analista e por isso ganham especial relevância. O analista se torna o guardião do enquadre e ao mesmo tempo se coloca como uma pessoa, que tem suas necessidades e desejos próprios.

Nesse sentido, Candi (2020, p. 228) afirma que o enquadre representa um duplo limite, pois “separa e junta um mundo interno, no qual se

pode usar das forças pulsionais para simbolizar, pensar e sonhar, e um mundo externo, no qual a realidade compartilhada deve ser tomada em consideração (representada pelo final da sessão)". Mas, para que simbolizar, pensar e sonhar se tornem possíveis o enquadre também precisa da ajuda do funcionamento mental do analista, que pode tolerar tensões extremas e torná-las pensáveis. Quando isso não ocorre, ou seja, quando o processo de simbolização e transformação das tensões é enfraquecido, a compulsão à repetição pode ganhar espaço.

Candi (2020) ressalta que a falta do trabalho psíquico no paciente pode encontrar eco no trabalho imaginativo do analista e reconhecer ali o que não estava podendo ser expresso e comunicado, de modo a se construir um vínculo simbólico e uma experiência de reconhecimento. Como exemplo, a autora cita a possibilidade de encontrar na figura do analista uma resposta que não foi assegurada pelos objetos primários. Entendemos que isso traz esperança para o paciente em contraposição à lógica do desespero que predomina nele, assim como o investimento libidinal que o analista realiza no analisando, que corrobora para que fantasias sejam criadas e completem os buracos representativos, além de que ligações sejam estabelecidas. Tudo isso colabora, sem dúvidas, para que a compulsão à repetição não seja mais necessária, pois vão sendo viabilizados outros meios de expressão da tensão excessiva e precariamente representada.

Mudanças no enquadre que envolvem, por exemplo, aceitar olhar os pacientes de frente, permitindo que o paciente veja o analista e com isso tenha garantida sua presença, ao invés da ausência do analista no campo visual proposta pela posição do divã, é um exemplo de resposta do analista à necessidade de adaptações do enquadre nos casos-limite. Segundo Green e Urribarri (2019/1996), a ausência do analista do campo visual, que, para algumas estruturas psíquicas, pode favorecer à representação, não surte o mesmo efeito nas análises dos casos-limite. Neles o trabalho de representação está entravado porque o irrepresentável encurrala o sujeito, de modo que a sua viabilização pede a ação mais ativa do analista. De acordo com os autores, o analista precisa realizar um trabalho de elaboração, figuração e imaginação, que são possíveis na medida em que ele descobre a

loucura privada do paciente e a suporta, uma vez que cria um espaço potencial que a acolhe e permite sua elaboração.

Assim se estabelece a necessária relação entre a estrutura enquadrante e o enquadre interno do analista, na qual é criada uma articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, abrindo uma janela para a singularidade do outro, para sua alteridade. Dessa forma, o analista deve ter consigo a noção de enquadre e precisará perceber, na medida em que está diante do outro, as falhas de funcionamento do enquadre clássico, avaliá-las e compreendê-las, de modo ao seu enquadre interno funcionar como uma espécie de bússola que guia o processo analítico.

Segundo Green (2017/1980), os processos terciários são instrumentos de grande relevância para a compreensão do material psíquico e para a formulação de interpretações porque fazem a mediação que viabiliza a confrontação entre sujeito e objeto, permitindo uma via para além da circularidade estéril. Eles são uma terceira categoria de processos, distinta dos processos primários e dos secundários, considerados como agentes de ligação, ou vinculação, que viabilizam que, ao invés dos processos secundários dominarem os primários, o analisando faça um uso mais criativo da coexistência desses dois tipos de processos (Green, 2017/1979). O Ego demonstra por meio dos processos terciários sua riqueza de possibilidades, na medida em que reconhece a existência dos processos primários sem renunciar aos secundários, promovendo uma interação entre a razão subjetiva e a objetiva que não mutila a realidade psíquica nem nega a realidade material. Assim como, os processos terciários permitem que ligações flexíveis sejam criadas, no sentido de poderem ser feitas e desfeitas na medida em que outras melhores são viabilizadas. Desse modo, ao invés de o paciente se apegar a uma hipótese ou conclusão ele está aberto para revê-la e refazê-la.

Diante disso, observamos a possibilidade de o trabalho da análise favorecer ao movimento, ao invés do estancamento da compulsão à repetição, promovendo a mobilidade, a possibilidade de ligar, desligar e religar por meio das formações intermediárias e dos processos terciários. Mas, para que os processos terciários ocorram, Green

(2017/1979) entende que é necessário cumprir alguns requisitos, como ter uma dupla analítica composta por um analista que possa utilizar seus processos terciários e ajude o analisando a conquistar os seus, o que se torna viável a partir da estruturação do Ego do paciente e de uma relação transferencial predominantemente positiva. Desse modo, Green (2017/1979) assevera que a análise pode proporcionar ao analisando o desenvolvimento dos processos terciários quando propicia uma experiência criativa e prazerosa, na qual analista e analisando compartilham o prazer da análise.

Green (2011/2002) comenta que, ao olhar de forma geral para a obra freudiana, pode-se perceber que nela se constituem diversos pares e dualidades; por exemplo, o dualismo pulsional, a diferença de sexos, a repressão primária e a secundária, dentre outros que apresentam relações de sinergia e de antagonismo, formando uma dialética. Mas, também são encontrados na obra freudiana algumas teorias que são triádicas, como o complexo de Édipo e as tópicas do aparelho psíquico. A justificativa encontrada por Green (2011/2002) para isso, é a de que a dualidade não é suficiente para dar conta de altos níveis de complexidade das relações, sendo requerida a relação triádica. Ao fazermos essa análise na obra greeneriana, observamos que Green também propôs variadas noções dialógicas, como os pares narcisismo de vida e de morte, função objetualizante e desobjetualizante. Entretanto, quando elas não bastam, Green busca saídas nos elementos terciários, principalmente quando a questão se refere às possibilidades de ação/trabalho da análise. Enquanto processos de vinculação, os processos terciários permitem o distanciamento da irrepresentabilidade e dos fracassos da simbolização, juntamente da aproximação para a representação e um funcionamento do psiquismo que seja mais saudável e não envolva a compulsão à repetição.

Considerações finais

Evidenciamos nesse artigo que, apesar de a compulsão à repetição trazer grandes empecilhos para a análise dos casos-limite, não se configura uma inacessibilidade terapêutica. As interações entre o intrapsíquico e o

intersubjetivo, as adaptações na técnica e no enquadre, junto da viabilização dos processos terciários e das ligações, são elementos que indicam a possibilidade de o processo analítico caminhar, uma vez que permite haver chances de reversão dos efeitos da compulsão à repetição, que impele a análise para a estagnação e para a morte, colocando em dúvida a capacidade do analista de vincular e representar.

Uma boa relação e vínculo com o analista, com um objeto, pode criar um espaço potencial que permite que sejam criadas estruturas internas, que sejam transformadas ausências em presenças e que excessos pulsionais sejam representados via novas experiências de satisfação que a relação analítica proporciona. A dificuldades dos pacientes-limite está em conseguir fazer valer todo esse potencial da análise, que pode ser experienciada apenas como algo fragmentado, individual e não simbolizado.

Referências

- Candi, T. S. (2010). O que está em jogo no trabalho analítico? As contribuições de André Green para a metapsicologia da situação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(2), 111-119. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n2/a13.pdf>
- Candi, T. (2020). *O duplo limite: O aparelho psíquico de André Green*. Escuta.
- Freud, S. (2010/1920). Além do princípio do prazer. In S. Freud e P. C. de Souza (Trad.). *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 120-178). Companhia das Letras.
- Garcia, C.A. (2016). O estatuto do objeto em A. Green. *Primórdios*, 4(4), 51-60. http://cprj.com.br/primordios/04/6_Prимordios_Miolo-Vol4_Prova03-8.pdf
- Green, A. (2000a). *El tiempo fragmentado*. Amorrortu.
- Green, A. (2000b). The Intrapsychic and Intersubjective in Psychoanalysis. *Psychoanalytic Quarterly*, 69, 1-39. 10.1002/j.2167-4086.2000.tb00553.x
- Green, A. (2007). Compulsão à repetição e o princípio do prazer. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(4), 133-141. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400013
- Green, A. (2011/2002). *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo: Desconocimiento y reconocimiento del inconsciente*. Amorrortu.

- Green, A. (2014). La posición fóbica central. Con un modelo de la asociación libre. In A. Green e C. E. Consigli (Trad.), *El pensamiento clínico* (pp. 142-176). Amorrortu.
- Green, A. (2017/1974). O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico. In A. Green e M. Gambini (Trad.). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite* (pp. 69-102). Escuta.
- Green, A. (2017/1979). A psicanálise e o pensamento habitual. In A. Green e M. Gambini (Trad.). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite* (pp. 45-68). Escuta.
- Green, A. (2017/1979). O silêncio do psicanalista. In A. Green e M. Gambini (Trad.). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite* (pp. 289-315). Escuta.
- Green, A. (2017/1980). Paixões e destinos das paixões. Sobre as relações entre loucura e psicose. In A. Green e M. Gambini (Trad.). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite* (pp. 137-182). Escuta.
- Green, A. (2017/1982). O duplo limite. In A. Green e M. Gambini (Trad.). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite* (pp. 269-288). Escuta.
- Green, A. (2017/1983). O ideal: medida e desmesura. In A. Green e M. Gambini (Trad.). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite* (pp. 235-268). Escuta.
- Green, A. & Urribarri, F. (2019/1996). Depois de Freud, com Freud. In A. Green & F. Urribarri e P. S. Souza Jr. (Trad.). *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo: Diálogos* (pp. 47-74). Blucher.
- Urribarri, F. (2010). André Green: paixão clínica, pensamento complexo. Em direção ao futuro da psicanálise. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 10, 11-43. <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/AndreGreen.pdf>
- Winnicott, D. W. (1988/1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In W. D. Winnicott e J. Russo (Trad.). *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (pp. 389-408). F. Alves.